Iom Kipur

Os **Iamim Ha Noraim** (10 dias de teshuvá entre Rosh Hashaná e Iom Kipur) são talvez os dias mais conhecidos do luach -calendário - para todos os judeus.
Em que reside o enorme poder deste curto período de tempo? Por que aqueles judeus que se ausentam por 50 semanas de instituições e sinagogas de repente, nessa época, sentem a compulsão de se fazerem presentes nelas?

Dois eventos históricos estruturam esta época especial do ano. Não é por acaso que fechamos o início da história com a criação do homem. Como neste ano, numa tarde de sexta-feira, quando estava escurecendo. E diante de um mundo colocado à sua frente como uma mesa à espera de seu convidado. No entanto, prestes a começar, uma mudança de planos. O homem é retirado da terra onde foi criado e é depositado no Paraíso, do qual será expulso, 10 dias depois, ao sair do Iom Kipur.
Adão vem a este paraíso em plenitude e inocência. Sozinho. Em um processo individual de busca e descobertas. Ele logo descobre que essa solidão não é boa e deve ser confrontada, assim como suas ideias, seus pensamentos e seus sentimentos. Começa então reconhecendo o seu ambiente. Chamando as coisas e os seres pelo nome, captando essências e virtudes que descrevem as características de cada criatura.
Uma vez localizado, volta a ser sozinho. Porque, diante da realidade, se está sozinho. E por isso, desdobra sua identidade, para enfrentar-se a si mesmo, ao seu costado (ou costelas). É aqui onde está a sua maior perda, mas também onde reside seu melhor triunfo. A perda da verdade absoluta. Como diz Maimônides, descrevendo o castigo do fruto do conhecimento como a perda da Verdade, em nome de uma qualidade inferior que é a do Sabor (o bom e o ruim). Até então, o céu poderia ser verde, a grama vermelha e as árvores azuis e ninguém o refutaria. A partir desse momento, em que sua outra aparece, as cortinas de sua casa serão de cor ocre com tons dourados, sem o direito a discussão. Ou melhor, com o dever da discórdia. O primeiro passo para sair da bolha eaterrissar neste mundo é saber que nós não temos a Verdade, apenas uma ínfima parte dela, nem sequer a soma das partes poderá novamente formar o todo. A Verdade perdida, que só mostra
seus vislumbres através da Torá como o presente Divino de Sua luz. Que talvez possa ser recuperada no processo criativo e criador do encontro com sua outra metade, do dar a luz, dando luz.
Esta Torá, que nos diz "u barachta ba chaim" e escolherás a vida, porque nossa primeira escolha não foi a do fruto da vida, mas a do conhecimento. Mas do que serviria uma vida, mesmo que eterna, sem conhecimento? Em todos os seus juízos, o da ciência, o do saber e da intimidade (ou sexual). Conscientemente escolhemos conhecer, e quando a partir desse conhecimento olhamos ao redor, e olhamos para nós mesmos, nós nos sentimos demasiadamente despidos, desprotegidos e, assim, constrangidos. Como não sentir vergonha com o que está acontecendo ao redor, com o que temos feito ou não feito, com o que deixamos de fazer? Como não nos sentirmos despidos de impotência diante de tanta injustiça, maldade e ressentimento, em nós mesmos e nos outros? E a primeira atitude será encontrar um traje, a primeira coisa que encontrarmos ao nosso alcance. Traje da árvore do conhecimento. Um traje que diga: agora eu já sei como cobrir a minha vergonha. É então o momento para a questão: "Aieka?" Onde está você? Onde você está agora? De quem ou de que você se esconde? Talvez tenhamos medo do futuro, desconfiança do presente... Talvez busquemos desculpas nos outros para justificar nossas ações. Há sempre uma serpente por trás de tudo, mas talvez queiramos dar uma de espertos como ela? O primeiro Kipur não nos fala de deixar este paraíso. De nenhum pesar, mas dois belos presentesque foram conferidos à humanidade. Ganhar o pão com o suor de sua testa, apreciar tudo que o que se tem, porque você ganhou. Aprender a aproveitar a vida, porque não é fácil e nada vem de presente.
Aprender a semear para colher e confiar que Deus vai colocar Sua parte para que as bênçãos reguem as sementes. E, da mesma forma, as dores do parto. Para aprender que a maior felicidade nasce às vezes de uma profunda tristeza. Para transformar todas as tristezas da nossa vida em dores de parto, dores criativas que nos ajudem a crescer e transformar.
Estes 10 dias paradisíacos que se avizinham nos apresentam sua gama de possibilidades. Eles são campo de experimentação das sementes que plantamos para o ano novo. "a zorim ve dima, ve rina ikzoru" (aqueles que semeiam entre lágrimas colherão com alegria) repetimos diariamente ao encher nossos estômagos. Queira Deus que as lágrimas que derramaremos nestes dias, ao nos arrependermos, pedindo perdão, ao olhar nosso interior, ao encontrarmos misticamente com nossos antepassados e fisicamente com as nossas comunidades, possam regar nossas sementes de sonhos e esperanças por um mundo melhor.
Transformar a nossa kutnot or (trajes de pele/couro), em kutnot hor (trajes de luz).
Fazendo com que brote essa "Or zarua la tsadic, ule ishrei lev simchá" luz semeada para os justos que enche os corações de alegria.

Gmar Jatima Tova,

Rab. Daniel Zang
Santiago, Chile

MERCAZ

Marom AmLat

Masorti AmLat